

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

A Brasil Telecom
colabora com a inclusão
digital em todo o País.
No Distrito Federal,
é parceira do Comitê
para a Democratização
da Informática (CDI).

Brasil Telecom

A CIDADE ONDE DORME O HORIZONTE

Ronaldo de Oliveira/CB



Para a Débora d'Ornellas, que me mostrou os céus de Brasília

Caia a noite quando o piloto anunciou que dentro de poucos minutos aterríramos em Brasília. Não consegui distinguir, espreitando pela janela, nenhum avião desenhado, lá muito embaixo, na vasta escuridão do cerrado. Vi o brilho de muitas luzes. Havia largos esplendores, fogos-fátuos, vaga-lumes vagando em mil direcções, mas não pareciam cumprir desígnio algum.

Duas cadeiras à minha frente viajava uma moça alta, de pescoço longo e rosto comprido. Tinha lábios carnudos, e uns olhos amendooados, absortos, que deslizavam sobre as coisas como se tudo ao seu redor estivesse ali por distração. Reparei nela ainda na sala de embarque. Ela, naturalmente, não reparou em mim. Pouca gente repara.

Ah, sim, antes de continuar permitam que me apresente: chamo-me Genuíno Valente, nome um tanto ou quanto invulgar. Em mim é a única coisa que, eventualmente, chama a atenção. Sou um homem de estatura média, nem suficientemente feio para que alguém diga – “ali vai um feio” – nem suficientemente bonito para atrair o olhar das mulheres. Fui militar (operações especiais); hoje sou diplomata. A discrição foi sempre a minha principal virtude. Visto um terno cinzento, coloco uma gravata a condizer, e fico quase invisível. O nosso embaixador em Brasília era um sujeito ainda mais apagado do que eu. Raramente aparecia em público, e nunca em acontecimentos de natureza cultural. Poucos o conheciam. Não há sequer fotografias dele. Isso explica que tivéssemos levado tanto tempo a dar pelo seu desaparecimento. Só nos começámos a inquietar no momento em que, tendo o presidente decidido visitar o Brasil, precisámos dos seus bons ofícios. Há meses que ninguém sabia dele. Vim a Brasília com a missão de o encontrar. Os funcionários da Embaixada encolheram os ombros, distraídos, quando os interrogei. A ausência do embaixador não lhes parece estranha. Alguns afirmam mesmo nunca o ter visto. Outros dizem tê-lo visto apenas de fugida, na fresca penumbra do seu gabinete, como um espetro triste.

Volto agora à moça dos olhos absortos. Reparei que lia, durante a viagem, um livro intitulado *Brasília mística*. Não me surpreendeu. Sei que muitos brasileiros visitam a cidade de numa espécie de peregrinação espiritual. Existem mesmo agências de viagens especializadas em roteiros deste tipo. Cito um folheto que encontrei no quarto do hotel: “A nossa agência leva você a um intrigante passeio por lugares surpreendentes, que revelam ligações místicas entre Brasília e o Antigo Egito. Um roteiro com mais de trinta pontos de impressionantes coincidências, que traça paralelos entre a nossa capital e Akhetaton, sede do governo egípcio há três mil e quinhentos anos. Como explicar, por exemplo, as incríveis semelhanças fisionómicas e biográficas entre o presidente Juscelino Kubitschek e o faraó Akhenaton, ambos fundadores das mais interessantes e polémicas capitais da história da humanidade?”.

O folheto inclui uma fotografia de Kubitschek ao lado de uma outra da múmia de Akhenaton. O presidente

Juscelino Kubitschek, sou forçado a reconhecer, parecia-se muito com uma múmia egípcia.

Adiante – no aeroporto ninguém esperava a moça dos olhos absortos. Também não havia ninguém à minha espera. Vi-a entrar num taxi e desaparecer. Senti um aperto no peito. Veio-me ao espírito uma ideia absurda, a de que aquela mulher, e só aquela, possuía a resposta para algo capaz de dar um sentido novo à minha vida – deveria ter-lhe feito a pergunta, mas não sabia o que perguntar. Tive a certeza de que nunca mais a veria. Enganei-me. Uma semana mais tarde recebi um convite para jantar na residência de um diplomata africano. Era uma casa belíssima. Peças de arte tradicional africana decoravam as paredes. Havia muita gente, homens e mulheres, uns sentados, outros de pé, em pequenos grupos, comentando animadamente os mais recentes escândalos políticos. Saí para o jardim. Ali, em meio a árvores altas, cujos contornos já a noite apagara, crescia o fulgor, cor de esmeralda, de uma pequena piscina. Palmeiras debruçavam-se, ensoradas, sobre as águas do Paranoá. Vi, atônito, as estrelas rodando sobre mim. A seguir vi-a ela, a moça dos olhos absortos, estendida de costas sobre a grama úmida. Sentei-me ao seu lado.

“Isto não é possível”, disse-lhe: “Não pode haver estrelas, tantas estrelas, em pleno coração de uma grande cidade. Nunca vi nada assim...”

Ela prendeu nos meus os seus suaves olhos de amêndoas. Sorriu:

“E o horizonte, reparou?, conhece outra cidade que guarde dentro dela o horizonte?”

Sim, eu também reparara nisso. O horizonte a espreguiçar-se, de súbito, para além de uma curva no caminho. O horizonte a espreitar entre fileiras de edifícios altos. Na tarde anterior eu voltara à embaixada. Uma das secretárias chamou-me à parte. Soprou-me ao ouvido: “Não existe nenhum embaixador, doutor. É pura superstição”. Registrei a opinião dela. Registro tudo. No meu país desaparece muita coisa. Lembo-me de um avião comercial, um 747, que desapareceu do aeroporto da capital, numa madrugada qualquer, e nunca mais foi visto. Numa outra ocasião pediram-me para acompanhar um grupo de jornalistas estrangeiros na visita a uma cidade do interior. Fomos num helicóptero militar. Regressámos, frustrados, quatro horas mais tarde: a cidade desaparecera. O dinheiro das contas públicas, claro, isso é o que mais desaparece. Muitos milhões de dólares. O desaparecimento de um diplomata, acho eu, não chega sequer a ser notícia. Enviaremos outro. O gabinete do embaixador era amplo e limpo. A janela, aberta de par em par, deixava entrar a última luz do dia. Aproximei-me com cuidado. Também dali se via o horizonte.

Pousei os meus dedos sobre os dedos dela.

“Há uma pergunta que tenho de lhe fazer...”

Ela não retirou a mão, pelo contrário, segurou a minha:

“Eu sei”, sussurrou: “Pode fazer...”

(QUEM É)

José Eduardo Agualusa nasceu na cidade de Huambo, em Angola, em 13 de dezembro de 1960 – oito meses depois de Brasília. É jornalista e escritor.

Divide seu tempo entre a capital angolana, Luanda, e a capital portuguesa, Lisboa, além de viagens pelo Brasil, como quando foi ao Pantanal entrevistar Manoel de Barros e lá ficou por 40 dias. Teve os livros *Nação crioula*, *Estação das chuvas*, *O ano em que zumbi tomou o Rio*, *Um estranho em Goa*, *O vendedor de passados* e *Manual prático de levitação* publicados aqui pela editora Gryphus.